

TAMBORES SILENCIOSOS

Ritual deixa platéia em transe

O carrilhão da Igreja do Terço marcava quatro minutos para a meia-noite. Quebrado e com os ponteiros imóveis, o velho relógio parecia querer paralisar o tempo no momento mais especial daquele pátio, a *Noite dos Tambores Silenciosos*. Que — pura coincidência — começou quatro minutos adiantado. Eram 23h56 da segunda-feira quando o babalorixá Raminho de Oxóssi deu a ordem para que as luzes se apagassem. Os tambores calaram para que pais e mães de santo cantassem em homenagem às gerações de negros mortos na construção da nação brasileira. Na rua, grupos de maracatu reverenciavam sua própria tradição, enquanto milhares de pessoas se apinhavam na rua para presenciar o ritual.

Num evento pródigo pelo misticismo, a coincidência de um relógio parado foi um detalhe pouco notado por quem tinha as atenções voltadas apenas para o palco montado na frente da Igreja do Terço. No escuro, como que em transe, a multidão acompanhava atenta as palavras do babalorixá, e lhe fazia coro quando possível. Os braços para o alto,

as mãos vibrando, foliões se transformaram em fiéis durante os 24 minutos de cerimônia. Nem parecia ser carnaval. A mensagem do babalorixá Raminho de Oxóssi à multidão invocava a paz para o restinho de carnaval. “Que vocês saiam daqui com o pé direito na frente e encontrem tudo de bom no caminho”, disse ao final da cerimônia.

O cantor e compositor Caetano Veloso foi convidado de honra no palanque montado pela Prefeitura do Recife. No chão, 24 nações de maracatu foram convidadas para participar da noite. Na hora em que se apagaram as luzes, apenas três tiveram o privilégio de ter seus reis e rainhas no palco, ao lado dos pais e mães de santo: o Estrela Brilhante de Igarassu, o Aurora Africana e o Leão da Campina. Uma honra para as respectivas comunidades que esperam por este momento o ano inteiro. Como evento no calendário de carnaval, a *Noite dos Tambores Silenciosos* foi criada em 1968. Muitas décadas antes disso, no entanto, grupos ligados às religiões africanas já compareciam ao Pátio do Terço para reverenciar seus mortos.

Diário de Pernambuco – 02/03/06 – Caetano Veloso junto com maracatu



Preconceito arraigado nas instituições

Nas entrelinhas da desigualdade racial, o preconceito aflorado de forma “sutil” nas relações profissionais ou nos critérios de valorização de empregados também é apontado com uma questão-chave da causa negra no Brasil. O racismo institucional, tema inerente às discussões do Dia da Consciência Negra, será abordado de uma forma mais enfática, a partir de 9h de amanhã, durante um seminário promovido pelo Ministério Públi-

co de Pernambuco, na sede da Rua do Imperador. A discussão sobre a segregação racial nas instituições brasileiras, inclusive no setor público, vai reunir militantes e pesquisadores, como o capitão da PM Geová da Silva Barros, que encabeçou um trabalho acadêmico sobre racismo na polícia.

Um levantamento divulgado este ano pelo IBGE mostra que os profissionais negros e pardos ganham em média 51,1% dos rendimentos dos tra-

balhadores brancos, ou seja, quase metade do universo, os negros recebem em média R\$ 1.292, mesmo com ambos os grupos ocupando cargos semelhantes. Entre agosto de 2005 e julho de 2006, o número de desempregados em seis regiões metropolitanas de capitais brasileiras, incluindo no Recife, era formado por 55,3% de negros.